

I João: Quem Ama Nasceu de Deus e Conhece a Deus (Parte II)

4. Segunda parte (2,29-4,6): Viver como filhos de Deus

4.1. Introdução (2,29-3,2): Somos filhos de Deus

Vocês sabem que Jesus é justo; reconheçam, pois, que todo aquele que pratica a justiça nasceu de Deus. Vejam que prova de amor o Pai nos deu: sermos chamados filhos de Deus. E nós de fato o somos! Se o mundo não nos reconhece, é porque também não reconheceu a Deus. Amados, desde agora já somos filhos de Deus, embora ainda não se tenha tornado claro o que vamos ser. Sabemos que quando Jesus se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque nós o veremos como ele é.

A introdução da segunda parte da carta apresenta um novo tema: a justiça, a partir do qual o autor retomará os temas anteriores. Esse dado fez com que alguns estudiosos afirmassem que a partir daqui teríamos uma outra carta, juntada posteriormente num único texto.

Essa breve introdução desenvolve vários temas, e o mais importante deles parece ser o da filiação divina, ou seja, o fato de sermos chamados filhos de Deus. Esse seria um desdobramento de João 1,12, que diz: A Palavra "deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu nome". Temos portanto um único Pai e somos filhos no Filho. Do Filho se diz que é justo. Em que consiste sua justiça? Parece que a carta resgata um dos conceitos mais antigos de justiça, ou seja, o restabelecimento de um equilíbrio perdido. Em outras palavras, a justiça de Jesus consiste em amar e, como consequência desse amor, doar-se totalmente sem reservas (ver João 13,1). Ser filhos de Deus à semelhança de Jesus, o justo, é caminhar na justiça, ou seja, no amor. Esse caminho não é claro nem está totalmente definido. Apenas seu fim é salientado: seremos semelhantes a Jesus. Para nos tornarmos filhos no Filho, a carta sugere, retomando os temas da primeira parte, três passos: romper com o pecado, amar e discernir quando uma profecia é autêntica ou não.

4.2. Primeiro passo (3,3-10): Romper com o pecado

Todo aquele que deposita essa esperança em Jesus se purifica, para ser puro como Jesus é puro. Todo aquele que comete pecado comete também violação da lei, porque o pecado é violação da lei. Mas vocês sabem que Jesus se manifestou para tirar os pecados, e que nele não existe pecado. Todo aquele que nele permanece não peca. Todo aquele que peca não o viu nem o conheceu.

Filhinhos, que ninguém desencaminhe vocês. Quem pratica a justiça é justo, assim como Jesus é justo. Quem comete o pecado pertence ao Diabo, porque o Diabo é pecador desde o princípio. Foi para isto que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo. Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque leva dentro de si a semente de Deus: não pode pecar, porque nasceu de Deus. Desse modo, torna-se claro quais são os filhos de Deus e quais são os filhos do Diabo: todo aquele que não pratica a justiça, isto é, que não ama ao seu irmão, não é de Deus.

O texto estabelece um nítido contraste entre a justiça e o pecado, ou seja, entre o amor e o ódio; entre ser filhos de Deus e ser filhos do Diabo. Os filhos de Deus orientam-se por Jesus, o justo, que ama e dá a vida; os filhos do Diabo, ao invés, orientam-se pelo Diabo e não amam, sendo incapazes de dar a vida.

A primeira vista, parece haver contradição com o que foi dito a respeito do mesmo tema em 1,8-2,2. Lá se afirmava que "se dizemos que não temos pecado enganamos a nós mesmos... se dizemos que nunca pecamos, estaremos afirmando que Deus é mentiroso". Essas eram sem dúvida afirmações dos Anticristos, que sustentavam estar em comunhão com Deus sem estar em comunhão com as pessoas, ou seja, sem amar concretamente. O texto que nos interessa diz que quem nasceu de Deus e tem como ponto de referência Jesus, o justo, não pode pecar, ou seja, não pode deixar de amar, porque a semente do amor é parte constitutiva do seu ser filho de Deus. Pois pecado é ausência de justiça, isto é, ausência de amor. O amor está na origem de nossa filiação divina. Quem é filho de Deus ama, ou seja, não peca. Quem é filho do Diabo peca, ou seja, não ama.

E preciso notar que nos textos joaninos, sobretudo no Evangelho e nesta carta, as palavras "pecado" e "pecados" não têm sempre o mesmo sentido. Geralmente "pecado", no singular, refere-se a uma rejeição consciente e aberta de Jesus e daquilo que ele representa, ou seja, a vida. Quando há essa rejeição radical, o pecado permanece (veja João 9,41). "Pecados", em vez, não seriam o resultado dessa rejeição, mas o resultado de limites ou contingências humanas. Nesse sentido, todos cometem pecados por serem limitados, apesar da opção fundamental por Jesus e seu projeto. E preciso, em cada caso, descobrir a partir do contexto qual o sentido de pecado presente no texto. É esse discernimento que Jesus pede aos discípulos em João 20,23: "Os pecados daqueles que você perdoarem serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem não serão perdoados".

Afirma-se que Jesus se manifestou para destruir as obras do Diabo. Os que nasceram de Deus, levando dentro de si sua

semente transformadora, através do amor continuam a obra de Jesus, agindo contra o ódio e a injustiça, que são obras características do Diabo.

A carta não esconde que estamos num terreno escorregadio e que há o risco de pessoas serem desencaminhadas (3,7a). Diante disso, insiste que quem pratica a justiça é justo, e nos dá pelo avesso uma bela definição de justiça: praticar a justiça é amar o irmão e, conseqüentemente, ser filhos de Deus (ver 3,10). O que o autor pretende neste trecho, portanto, é convidar as comunidades a realizar o primeiro passo para ser filhos de Deus, rompendo com o pecado.

4.3. Segundo passo (3,11-24): Amar

Porque esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. Não como Cairn: pertencendo ao Maligno, ele matou o seu próprio irmão. E por que o matou? Porque as obras de Cairn eram más, e as do seu irmão eram justas. Não estranhem, irmãos, se o mundo odeia vocês. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos aos irmãos. Quem não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia o seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem dentro de si a vida eterna.

Compreendemos o que é o amor, porque Jesus deu a sua vida por nós; portanto, nós também devemos dar a vida pelos irmãos. Se alguém possui os bens deste mundo e, vendo o seu irmão em necessidade, fecha-lhe o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele? Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e de verdade. Desse modo saberemos que estamos do lado da verdade; e diante de Deus poderemos tranquilizar nossa consciência; e isso, mesmo que a nossa consciência nos condene, porque Deus é maior do que a nossa consciência, e ele conhece todas as coisas.

Amados, quando a consciência não nos condena, sentimos confiança para nos dirigirmos a Deus, e recebemos tudo o que lhe pedimos, porque cumprimos os seus mandamentos e fazemos o que agrada a ele. E o seu mandamento é este: que tenhamos fé no nome do seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, conforme ele nos mandou. Quem cumpre os mandamentos dele está com Deus, e Deus está com ele. Assim, graças ao Espírito que ele nos deu, reconhecemos que Deus está conosco.

O segundo passo é amar. Retoma-se e aprofunda-se aqui o que foi exposto em 2,3-11. Estão presentes o segundo e o terceiro níveis de conflitos de que falamos anteriormente. Cita-se o primeiro fratricídio de que temos conhecimento na Bíblia: Caim mata Abel, cometendo o maior crime contra a fraternidade. A tradição rabínica daquele tempo afirmava que o Diabo havia sugerido a Caim que matasse seu irmão. Esse mesmo pensamento encontra-se no Evangelho de João, quando Jesus acusa as autoridades dos judeus de serem filhas do Diabo, ou seja, assassinas (ver João 8,44). O Diabo aparece, portanto, como homicida desde o começo. Retorna o tema do "mundo" enquanto realidade hostil à vida e ao projeto de Deus, e que odeia os cristãos (3,13).

A carta contesta a opinião dos Anticristos, segundo a qual eles passariam da morte para a vida sem o julgamento, mesmo não amando os irmãos. O autor esclarece que "passamos da morte para a vida porque amamos aos irmãos". O amor aos irmãos, portanto, é aquilo que nos tranquiliza a consciência diante de Deus no julgamento final (3,19).

O critério para saber se o amor é autêntico ou não é sempre a prática de Jesus. No Evangelho de João ele afirmou: "Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos" (15,13). Amor autêntico, portanto, é aquele que dá a vida. Por isso, a falta de solidariedade com os necessitados é sinal de ausência de amor e de Deus. O amor, pois, toca também as relações econômicas entre as pessoas.

Inútil querer amar apenas com palavras e com a língua, porque o amor verdadeiro se traduz em obras concretas. Ao falar do amor ao próximo necessitado (3,17), a carta retoma um dado importante do Evangelho de João, ou seja, o tema dos pobres enquanto sacramento da presença de Jesus em nosso meio. Basta recordar o que Jesus diz: "No meio de vocês sempre haverá pobres; enquanto eu não estarei sempre com vocês" (João 12,8). Essa expressão, evidentemente, não foi escrita para tranquilizar a consciência, como se Jesus tivesse afirmado ser impossível erradicar a pobreza. É, pelo contrário, um tremendo desafio: servir a Jesus servindo aos pobres, pois eles são o sacramento de sua presença em nosso meio. A carta entendeu isso muito bem, e confirma o que o Evangelho de João havia sublinhado: esquecer-se dos pobres, não servindo-os, é prova de que não sabemos amar e de que não amamos a Deus.

Esse trecho termina apontando para os temas da próxima parte, concentrando-os num único mandamento: a fé no nome de Jesus Cristo e o amor de uns para com os outros (3,23). Quem ama quase nunca o faz de modo perfeito. Nem por isso pode deixar de amar, para não sufocar a semente que está na origem de sua filiação divina. Nosso amor, portanto, expressa-se também a partir de nossas limitações e condicionamentos. Se amamos apesar de nossas limitações, podemos tranquilizar nossa consciência diante de Deus, mas se deixamos de amar não conseguiremos tranquilizá-la. Deus, que logo em seguida será definido como sendo o amor (4,8), compreenderá nosso amor limitado, pois é maior do que nossa consciência e

conhecedor de todas as coisas.

4.4. Terceiro passo (4,1-6): Os Anticristos pertencem ao mundo

Amados, não dêem crédito a todos os que se dizem inspirados; antes, examinem os espíritos, para saber se vêm de Deus, pois no mundo já apareceram muitos falsos profetas. Para saber se alguém é inspirado por Deus, sigam esta norma: fala da parte de Deus todo aquele que reconhece que Jesus Cristo se encarnou. Todo aquele que não reconhece a Jesus não fala da parte de Deus. Esse tal é o espírito do Anticristo; vocês ouviram dizer que ele vinha, mas ele já está no mundo.

Filhinhos, vocês são de Deus e já venceram os Anticristos, pois aquele que está com vocês é maior do que aquele que está com o mundo. Eles pertencem ao mundo; por isso falam a linguagem do mundo e o mundo os ouve. Nós, porém, somos de Deus. Por isso, quem conhece a Deus nos ouve; e quem não é de Deus não nos ouve. Com isso podemos distinguir o espírito da Verdade do espírito do erro.

O terceiro passo para tornar-se filho de Deus refere-se ao discernimento. Estão presentes aqui o primeiro e o quarto níveis de conflitos de que falamos anteriormente, e retomam-se o terceiro e o quarto passos da primeira parte (2,12-28). O apelo ao discernimento é aqui algo importante, pois nas comunidades todos se julgavam ungidos pelo Espírito e se consideravam profetas, ou seja, em grau de dizer como deveria ser a caminhada das comunidades para serem fiéis ao projeto de Deus. Acontece que tanto os seguidores do Ancião quanto os Anticristos julgavam-se profetas, ou seja, movidos pelo Espírito. Retorna, assim, uma grave e antiga questão: qual a diferença entre o verdadeiro e o falso profeta? Em outras palavras: como distinguir um do outro? O autor da carta pede que os fiéis não dêem crédito a todos os que se dizem inspirados, mas que examinem os espíritos para saber se a profecia é verdadeira ou não. E estabelece alguns critérios. A pessoa inspirada por Deus reconhece a encarnação de Jesus Cristo; aquela que nega a encarnação não é inspirada: é, como vimos, o Anticristo (2,22). Mais ainda: para saber se um profeta é verdadeiro ou não, basta considerar a serviço de quem ele está. Se presta serviço ao "mundo", a ele pertence e o "mundo" o ouve, trata-se de falsa profecia; se presta serviço ao Reino, à vida, trata-se de verdadeiro profeta.

Ao mesmo tempo em que convida ao discernimento, o autor afirma o fato de as comunidades terem já vencido os Anticristos (4,4), ou seja, terem já conseguido identificar aqueles que não falavam e não agiam da parte de Deus. O convite, portanto, é para que as comunidades continuem o processo de discernimento e assim não sejam desencaminhadas.

Continuando a pensar...

1. Quais as conseqüências desta afirmação: "Somos chamados filhos de Deus, e de fato nós o somos"?
2. O que entendemos por pecado?
3. Quais são hoje as obras do Diabo que devem ser destruídas?
4. Se o amor é a raiz da religião cristã, por que ainda há tantas desigualdades sociais?
5. Justiça não é legalismo, justiça é amor. Comentar.
6. O que entendemos por profecia?
7. A serviço de quem estão os falsos profetas de hoje?

(José Bortolini e Paulo Bazaglia, em "Como ler as Cartas de João", Editora Paulus)